Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Perfil

A escolha do relator da reforma tributária ainda vai demorar uns dias, mas o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), quer alguém independente e de centro para manter o caráter de um projeto de país, e não do governo federal. Até aqui, os nomes na roda são os dos senadores Marcelo Castro (MDB-PI) e Davi Alcolumbre (União Brasil-AP).

Tendência

À primeira vista, os senadores tendem a promover alterações na reforma tributária, mas nada que mexa na estrutura do Imposto sobre Valor Agregado — IVA federal e IVA estadual — previsto no texto. A perspectiva ali é mexer mais naquilo que entrou de última hora, como, por exemplo, a prorrogação dos benefícios fiscais do setor automotivo no Nordeste.

Viajou? Sei...

A justificativa dos líderes foi de que a votação do arcabouço fiscal ficou para agosto porque o relator do projeto, deputado Claudio Cajado (PP-BA), já havia viajado para Salvador e não tinha como apresentar a proposta virtualmente. Na verdade, Cajado foi para a Bahia porque não estava nada satisfeito com a ideia de manter as mudanças feitas no Senado. Agora, tem até agosto para tentar convencer os parlamentares a retomarem o texto da Câmara.

Enquanto isso, no Senado...

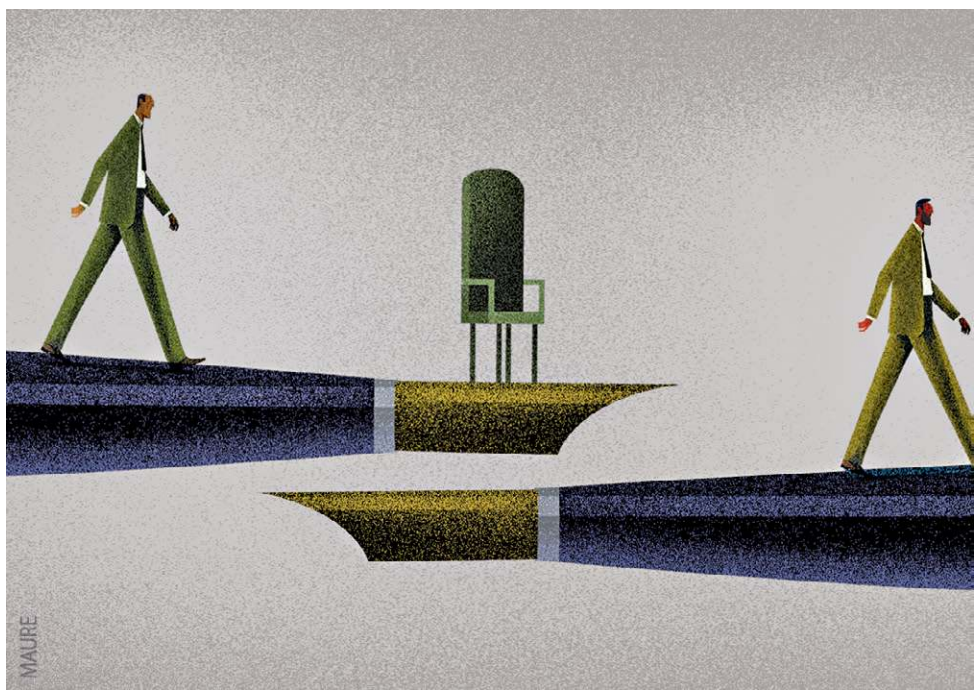
Se depender dos partidos de centro, o projeto do Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Carf) também fica para agosto.

Depois da reforma tributária, a ministerial

A conversa entre os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva Lula e o da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), deixou nas entrelinhas a vontade do petista em acertar o passo com o Congresso — leia-se mudança no primeiro escalão ministerial. Por isso, há quem diga no Parlamento e no próprio governo que a reforma não se restringirá ao Ministério do Turismo. Apostam na troca de comando no Ministério do Esporte, para onde o nome mais cotado é o do deputado Silvio Costa Filho (Republicanos-PE), aliado de Lula. Embora o partido continue numa posição de independência, anunciada pelo presidente da sigla, Marcos Pereira (SP), não haverá proibições dos filiados participarem do governo.

» » »

Em tempo: partidos como o União Brasil não desistiram de obter os cargos de segundo escalão do Turismo ou ocupar o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, emblemático para o PT. No governo, há quem diga ser melhor ceder a Embratur ou algum cargo de segundo escalão do que entregar a gestão do Bolsa Família ou a Caixa Econômica Federal.



CURTIDAS



Denise Rothenburg/D.A./CB Press

Os pais da tributária/ Autor do anteprojeto da reforma tributária aprovada na Câmara, o secretário especial do Ministério da Fazenda, Bernard Appy, jantou um misto quente no café da Câmara, entre o primeiro e o segundo turno da votação. Lá, encontrou **(foto)** outro eterno defensor da reforma, o deputado Luís Carlos Hauly (Podemos-PR). Ainda tem muito caminho pela frente, mas as perspectivas são boas.

Tereza na roda.../ Líder do PP no Senado, Tereza Cristina (MS) comemorou a aprovação da reforma tributária na Câmara como um importante passo para um sistema mais eficiente e justo. Ela avisa que o Senado irá analisar com calma e aprimorar o texto da Câmara.

... e na articulação/ A senadora foi, inclusive, chamada para a reunião em que o presidente da Frente Parlamentar do Agro (FPA), deputado Pedro Lupion (PP-PR), e os pesos-pesados do setor selaram o apoio ao texto apresentado pelo relator a reforma, deputado Aguinaldo Ribeiro (PP-PB). Ou seja, ela já estava na negociação do texto e continuará esse trabalho no Senado, avisam os deputados.

E o Haddad, hein?/ O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, foi quem mais teve menções positivas nas redes sociais depois de aprovada a reforma tributária, segundo levantamento da Quaest. O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), bombardeado pelo bolsonarismo, ficou em empate técnico, com 49% de menções positivas e 51% negativas.

PODER

Tarcísio vai de pupilo a traidor

Redes sociais bolsonaristas atacam governador por causa da atuação que teve para a aprovação da reforma tributária

» RAFAELA GONÇALVES



Alan Santos/PR

Pesquisa mostrou que capital político de Bolsonaro diminiu, enquanto o cacife do governador subiu

A atuação de Tarcísio de Freitas (Republicanos), a favor da aprovação da reforma tributária — que o levou a um encontro com o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, para tratar de ajustes no texto — colocou o governador de São Paulo na mira dos radicais bolsonaristas. Depois de ter sido hostilizado na reunião da bancada do PL no Congresso, inclusive pelo próprio ex-presidente da República, Tarcísio foi alvo de uma violenta campanha de desqualificação nas redes sociais.

Ontem, duas tags atribuídas a Tarcísio foram parar nos trending topics do Twitter: "Companheiro Tarcísio" e "Novo Doria". A primeira, se refere a um tuíte provocativo do deputado Andre Janones (Avante-MG), que chamou o governador de "companheiro" — tratamento habitual entre os militantes de esquerda — ao agradecer-lhe a atuação pela aprovação da reforma. A segunda, insinua que Tarcísio seria o mais novo "traidor" do bolsonarismo.

A reunião do PL escancarou a irritação com o governador. Além da hostilidade de Bolsonaro e das vaias de um grupo de radicais mais exaltado, o deputado federal Ricardo Salles (PL-SP) disse que Tarcísio não representa a direita. "Ser de direita não é um discurso, é uma conduta. Não vem aqui colocar faixa de representante da direita, porque não é. Não queremos e não seremos representados por alguém que se diz de direita e, depois, na hora de governar o estado para o qual foi designado pelo presidente, não governa como alguém de direita", criticou o Salles.

O deputado ironizou ainda a passagem de Tarcísio como ministro da Infraestrutura do governo Bolsonaro e disse que a atuação dele não serviu para "combater a esquerda". "Dos seus ministros, um dos que mais apanhou no seu governo fui eu, porque estava em um dos ministérios cujo objetivo é enfrentar a esquerda. É muito mais fácil fazer estrada, ponte, ferrovia do que combater a esquerda", disse.

Placar

Bolsonaro tentou levar o PL a fechar questão contra a reforma tributária, tarefa na qual fracassou. A violência dos ataques a Tarcísio nas redes sociais foi potencializada pelo resultado da aprovação da reforma, na Câmara, nos dois turnos. Os extremistas foram atropelados: na primeira votação, reuniram 118 votos contra 382; na segunda, 113 contra 375. Para piorar, no primeiro turno, 20 deputados do partido do ex-presidente votaram a favor da reforma e, no segundo, 18.

Nas análise políticas e de bastidores, a conclusão quase unânime é que Tarcísio saiu mais forte das negociações em torno da reforma e que Bolsonaro encolheu. Sobretudo porque o governador conseguiu galvanizar gestores estaduais e municipais em favor das modificações no sistema tributário. Não à toa, no périplo do Brasília horas antes da votação da reforma, o governador de Minas, Romeu Zema (Novo) esteve com o colega paulista — gesto que muitos viram como uma possível dobradinha para a campanha presidencial de 2026.

O instituto de pesquisa Quaest realizou um levantamento da figura mais bem avaliada nas redes sociais no contexto da aprovação da reforma. A situação do governador de São Paulo foi de empate técnico: teve 49% das postagens positivas e 51% negativas. Já Bolsonaro foi considerado o "maior perdedor da reforma", com apenas 29% de postagens positivas e 71% negativas.

Para desgastar ainda mais a relação o pupilo e o antigo mestre, o governo de São Paulo aumentou a multa ao ex-presidente por não usar máscara no estado, durante a pandemia. Em primeira instância, Bolsonaro foi condenado a pagar R$ 524,59 aos cofres paulistas pela infração às normas sanitárias. Mas a multa foi revisada e saltou para R$ 43 mil, um aumento de 8.000%.

Padilha estimula adesões

» HENRIQUE LESSA

Com a aprovação pela Câmara da maior parte da pauta econômica, o ministro das Relações Institucionais, Alexandre Padilha, responsável pela articulação política do Planalto, deixou claro, ontem, que quer ampliar a base governista. Ele disse que o governo segue aberto à adesão de outros partidos.

"Estamos absolutamente abertos em discutir a entrada no governo de outras forças políticas, outros setores da sociedade. Sobretudo, de parlamentares que fizeram campanha para o presidente Lula ou que sinalizaram claramente a defesa do governo a partir do 8 de janeiro", anunciou.

As aprovações da reforma tributária e do projeto de lei que restabelece o voto de qualidade nas decisões do Conselho de Administração de Recursos Fiscais (Carf), contaram com o apoio de parlamentares de fora da base do governo. Para Padilha, isso abre a possibilidade de costurar uma ampliação da base, mesmo que para isso tenha que fazer rearranjos na Esplanada dos Ministérios.

"Vou me encontrar não só com o presidente do União Brasil, mas com outras lideranças. Vou ao Palácio do Planalto ficar com o gabinete aberto para conversar com as lideranças e partidos", avisou.

> **"Estamos abertos para discutir a entrada no governo de outras forças políticas, outros setores da sociedade. Sobretudo, de parlamentares que fizeram campanha para o presidente Lula"**
>
> ***Alexandre Padilha,***
> *ministro da Secretaria de Relações Institucionais*

Protagonismo

Em relação à saída da deputada Daniela Carneiro (União Brasil-RJ), que deixou o Ministério do Turismo, Padilha afirmou que ela terá um posto de "protagonismo" no Congresso. A parlamentar deve assumir a vice-liderança do governo na Câmara.

"Nossa intenção é de que ela assuma um papel de protagonismo. Quanto à definição da data desta mudança, vamos construir com as lideranças do União Brasil, que é o partido que indica este Ministério", observou o ministro. Para costurar a substituição da deputada, Padilha esteve com o presidente do União Brasil, deputado Luciano Bivar (PE).

Com os temas econômicos superados, o presidente Luiz Inácio Lula da Sila retoma a agenda no exterior. Ele viaja, hoje, para Letícia, na Colômbia, a convite do presidente Gustavo Petro. Na cidade, que faz fronteira com a brasileira Tabatinga, os dois encerram um encontro com especialistas, pesquisadores e representantes dos povos indígenas da Região Amazônica, realizado pela Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA).